

# Sinais de cena 4

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Dezembro de 2005



# Sinais de cena

## N.º 4, Dezembro de 2005

|                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Propriedade                      | APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Direcção                         | Maria Helena Seródio                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Conselho Redactorial             | Fernando Matos Oliveira, Mónica Guerreiro, Paulo Eduardo Carvalho, Rui Cintra e Sebastiana Fadda                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Conselho Consultivo              | Carlos Porto, Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Michel Vaïs, Nikolai Pesoschinsky                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Coordenaram este número          | Fernando Matos Oliveira e José Oliveira Barata                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Colaboraram neste número         | Ana Vaz Fernandes, Cláudia Madeira, Christine Zurbach, Daniel Tércio, Erika Fischer-Lichte, Francesca Rayner, Guillermo Heras, Isabel Alves Costa, João M. Diniz Ferreira, Jorge Silva Melo, Luiz Francisco Rebello, Liliana Coutinho, Maria Helena Seródio, Maria João Brilhante, Mário Cláudio, Marvin Carlson, Paulo Eduardo Carvalho, Rita Castro Neves, Rita Duarte Correia, Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda e Tiago Bartolomeu Costa                                                                                                                                 |
|                                  | Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Concepção gráfica                | Fuselog - Gabinete de Design, Lda.   <a href="mailto:fuselog@mail.telepac.pt">fuselog@mail.telepac.pt</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Direcção, Redacção e Assinaturas | APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro<br>Av. Duque de Loulé, 31   1069 - 153 Lisboa<br><a href="mailto:geral@apcteatro.org">geral@apcteatro.org</a>   <a href="http://www.apcteatro.org">www.apcteatro.org</a><br><br>CET - Centro de Estudos de Teatro<br>Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67<br>Alameda da Universidade   1600 - 214 Lisboa<br>Tel.   Fax: [351] 21 792 00 86<br><a href="mailto:estudos.teatro@fl.ul.pt">estudos.teatro@fl.ul.pt</a>   <a href="http://www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm">www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm</a> |
| Edição                           | Campo das Letras - Editores, S.A., 2004<br>Rua D. Manuel II, 33 - 5º   4050 - 345 Porto<br>Tel.: [351] 22 608 08 70 Fax: [351] 22 608 08 80<br><a href="mailto:campo.letras@mail.telepac.pt">campo.letras@mail.telepac.pt</a>   <a href="http://www.campo-letras.pt">www.campo-letras.pt</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Impressão                        | Rainho e Neves                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Periodicidade                    | Semestral                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Preço                            | 12,00 €                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Depósito Legal                   | 216923/04                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Tiragem                          | 1000 exemplares                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| ISSN                             | 1646-0715                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Apoios                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

# Índice

## Este número

|      |                             |                      |
|------|-----------------------------|----------------------|
| sete | Novas geografias da cultura | Maria Helena Serôdio |
|------|-----------------------------|----------------------|

## Dossiê temático

|               |                                                                            |                         |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| nove          | Disciplinaridade e redenção nos estudos performativos                      | Fernando Matos Oliveira |
| dezassete     | Em busca de um devir performativo <i>queer</i> em Portugal                 | João M. Diniz Ferreira  |
| vinte e um    | (Des)centralidades: Considerações sobre a novíssima dança portuguesa       | Daniel Tércio           |
| vinte e seis  | Brrr – Festival de <i>live art</i> : Uma (não)história por imagens         | Rita Castro Neves       |
| trinta e três | Arte (u)tópica: Escalas e intensidades                                     | Cláudia Madeira         |
| trinta e nove | <i>Body art</i> : Conceitos, práticas e uma visita de Gina Pane a Portugal | Liliana Coutinho        |

## Portefólio

|                   |                                                                                              |                      |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| quarenta e quatro | Memórias em repetida construção:<br>O Teatro Experimental de Cascais no seu 40.º aniversário | Maria Helena Serôdio |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|

## Na primeira pessoa

|                  |                                                  |                                              |
|------------------|--------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| cinquenta e três | João Paulo Seara Cardoso: Teatros com marionetas | Paulo Eduardo Carvalho<br>Isabel Alves Costa |
|------------------|--------------------------------------------------|----------------------------------------------|

## Em rede

|                  |                                            |                |
|------------------|--------------------------------------------|----------------|
| sessenta e cinco | A investigação de teatro num mundo digital | Marvin Carlson |
|------------------|--------------------------------------------|----------------|

## Estudos aplicados

|                |                                                             |                      |
|----------------|-------------------------------------------------------------|----------------------|
| setenta e três | A cultura como <i>performance</i> : Desenvolver um conceito | Erika Fischer-Lichte |
|----------------|-------------------------------------------------------------|----------------------|

## Notícias de fora

|                |                                                                              |                  |
|----------------|------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| oitenta e um   | Teatro e pensamento na dramaturgia espanhola actual:<br>Três autores de hoje | Guillermo Heras  |
| oitenta e seis | Algo sobre a Europa: <i>Thomas More</i>                                      | Rui Pina Coelho  |
| oitenta e nove | Poder dizer como se pensa                                                    | Jorge Silva Melo |

| Passos em volta  |                                                                         |                        |
|------------------|-------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| noventa e um     | Da arte de tomar o romance "por outra coisa": <i>Autos da revolução</i> | Christine Zurbach      |
| noventa e quatro | Anatomia da desumanização: <i>Um homem é um homem</i>                   | Maria Helena Seródio   |
| noventa e nove   | Entre portas: <i>Ruínas</i>                                             | Paulo Eduardo Carvalho |
| cento e dois     | A festa das palavras: Uma celebração de dez anos do Sindicato de Poesia | Francesca Rayner       |
| cento e cinco    | Filhos-da-mãe domesticados: <i>Os animais domésticos</i>                | Ana Vaz Fernandes      |
| cento e oito     | Ratoeira: <i>Agatha Christie</i>                                        | Tiago Bartolomeu Costa |

| Leituras           |                                                                                                                                                   |                      |
|--------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| cento e onze       | Da liberdade insubmissa à heresia visionária: <i>A última lição de Hipátia</i> , seguido de <i>O túnel dos ratos</i> , de Armando Nascimento Rosa | Sebastiana Fadda     |
| cento e catorze    | Jogo teatral... deseja-se: <i>O desejo de teatro</i> , de Isabel Alves Costa                                                                      | José Oliveira Barata |
| cento e dezasseis  | Pequenos gestos, louváveis resultados:<br>Três contributos para a história do teatro em Portugal                                                  | Maria João Brilhante |
| cento e dezoito    | De como o passado se faz presente:<br><i>O passado na minha frente</i> , de Luiz Francisco Rebello                                                | Mário Cláudio        |
| cento e dezanove   | A pedagogia do fracasso: <i>Ópera do falhado</i> , de J. P. Simões                                                                                | Joana Almeida        |
| cento e vinte e um | Di...vulgar: <i>Os grandes dramaturgos portugueses</i> , de Luciano Reis                                                                          | José Oliveira Barata |

| Arquivo solto         |                                                   |                        |
|-----------------------|---------------------------------------------------|------------------------|
| cento e vinte e três  | D. Quixote no teatro português                    | Luiz Francisco Rebello |
| cento e vinte e cinco | Um teatro novo? Sobre o projecto de António Ferro | Rita Duarte Correia    |

# A pedagogia do fracasso

Joana Almeida



J. P. Simões, *Ópera do falhado*, Lisboa, 101 Noites e J. P. Simões, 2004, 133 pp.

para o rumo da acção. Cada fantasma configura um arquétipo dos grandes símbolos de Portugal, como o Ditador, o Rei, a Fadista, o Poeta e o falecido filho dos proprietários do café.

O Inferninho da Baixa representa a saudade, a memória e a evocação condensada do que já se perdeu, ou do que, mesmo em vida, não chegou a ser propriamente experimentado, apesar de nos aparecer como algo central na cultura portuguesa. Os donos do velho café, Afonso e Olga, vivem a frustração de não terem alcançado os seus desejos e deparam-se, através de Ácaro, com a possibilidade (duvidosa) de um futuro estável.

Henrique Céu de Aviz Castelo-Mayor-Que-O-Do-Outro de Ácaro é, segundo o próprio, Engenheiro Financeiro e representa a corrupção, a ambição, a desonestidade e o desrespeito pelas mulheres, já que uma das suas áreas de trabalho prende-se com a prostituição de meninas ucranianas. A sua vida está ligada a uma mulher sofredora, vítima de abusos na infância. Esta personagem retoma a conhecida noção do ensaio *Labirinto da saudade*, de Eduardo Lourenço, segundo a qual os portugueses são um povo de pobres com mentalidade de ricos. Nesta personagem, mais do que em qualquer outra, o parecer contradiz o ser. Ícaro representa o poeta falhado, embora seguro de que a inspiração há-de chegar um dia, a tempo de produzir uma "arte revolucionária e bela". Grande parte da acção foca o confronto entre Ácaro e Ícaro, conflito que resulta essencialmente do não reconhecimento de que ambos são simplesmente uns falhados.

Iniciado o declínio das diversas personagens, eis que os quadros ganham vida e deles saem os fantasmas, com soluções milagrosas para cada um dos problemas. Ao som da melodia "Grandessíssimas Expectativas", do Ditador, o que parece ser a salvação tão esperada, revela-se afinal uma reconstrução igualmente falhada do passado: "se, por exemplo, o povo vive na miséria, mas não gosta da mudança, a melhor coisa a fazer para lhe dar felicidade é reconstruir o passado. Dar-lhe uma história gloriosa para que, mesmo na miséria, tenha uma postura orgulhosa" (p. 113).

À boa maneira portuguesa, impera o regime do "tudo está bem quando acaba bem", ainda quando tal não passa de pura ficção. Seduzido pelas aparências, o povo acaba também por projectar o passado no futuro, raramente se fixa no presente.

O texto de J. P. Simões procura responder a uma série de questões relacionadas com a identidade portuguesa. Enquanto conjunto de tradições, caracteres partilhados, estados e obrigações morais inquestionáveis, esta identidade

A *Ópera do falhado* oferece-nos uma comédia mordaz da cultura portuguesa, confrontando as aspirações megalómanas com a inércia que caracteriza a angústia de um indivíduo preso ao passado, mais interessado na lamúria do que em lutar pelos seus objectivos. Escrito por J. P. Simões e com prefácio de João Lourenço, o texto desta ópera dialoga com uma tradição de peso, onde devemos incluir, entre outras referências, *The Beggar's Opera*, de John Gay, a *Ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, e ainda a *Ópera do malandro*, de Chico Buarque.

O texto esteve na origem de um espectáculo musical, estreado em Outubro de 2003, que nos desenhava a sociedade de um país preso ao passado, talvez com aspirações futuras, mas vivendo um presente marcado pela apatia<sup>1</sup>. A sátira proposta pelo texto organiza-se em torno do reencontro de dois antigos colegas de liceu, após terem seguido rumos muito diversos. O autor serve-se assim de Ácaro e Ícaro, os protagonistas do enredo, para personificar simultaneamente o parasitismo e o espírito sonhador característicos na sociedade portuguesa. Ácaro e Ícaro, parasita e sonhador respectivamente, encontram-se no velho café Inferninho da Baixa, que devido às suas memórias resiste a ser demolido. A decoração das paredes deste café expõe quadros representando alguns dos fantasmas do país, importantes

<sup>1</sup> O espectáculo teve estreia a 29 de Outubro de 2003, no Grande Auditório do Rivoli Teatro Municipal, com encenação de João Paulo Costa e produção da ACE – Academia Contemporânea do Espectáculo / Teatro do Bolhão.

> Cartaz da *Ópera do falhado*, de J.P. Simões, enc. João Paulo Costa, Porto, 2003.

posiciona os indivíduos no mundo, justamente pela partilha imaginária de um sujeito colectivo a que se pertence. Esta identidade colectiva encontra no passado o seu fio condutor e a sua razão de (não) ser. O carácter nacional assenta exclusivamente na projecção obsessiva do passado. Isto mesmo se confirma através da aparição dos fantasmas, emanação quase transcendental de uma história, de uma cultura e de uma política. O país desta ópera não se encontra no seu melhor. Os problemas na saúde, na educação e na economia tornam o ser lusitano algo amargurado e descontente, embora persista sonhador, à custa de um halo do passado que teima em não morrer como passado.

O fado é a música que melhor espelha o cinzentismo emocional da nação. As pessoas levam tudo demasiado a sério, como se cada gesto quotidiano constituísse uma afronta perante o peso esmagador do passado. Daí que a ousadia dos artistas justifique a sua marginalização: os artistas não levam a vida a sério. Por outro lado, o povo desta ópera não tem capacidade de indignação e limita-se a viver com a sensação de que o destino é culpado por todo o mal que possa acontecer. Este fatalismo, tão caracteristicamente português, justifica o sarcasmo do autor, ao qualificar os habitantes da Lusitânia como uma raça de pessimistas insaciáveis, sonhadores eternos que jamais atingem os seus objectivos.

Inexplicavelmente, a imaginação dos portugueses aparenta um optimismo conformado. O final feliz deste enredo deve-se às palavras ilusórias do Ditador que em tempos foi o representante máximo da nossa nação. Num acto de pura magia, o Ditador transforma o passado das amarguradas personagens em contos de fadas. O conformismo revela-se em toda a sua profundidade nestas personagens que confiam num chefe político já morto. O povo gosta do modelo paternal do Ditador, o chefe que convence pela abnegação dedicada, uma atitude muito admirada pela mediocridade nacional.

A *Ópera do falhado* é um retrato em clave paródica dos habitantes deste pequeno país. Mas o retrato não ficaria completo sem o "monstro" da saudade, o suprasumo da mitologia nacional, o nosso ímpeto para a recordação nostálgica e paralisante. O mito do Sebastianismo surge então com toda a naturalidade. Não por acaso, um dos fantasmas do Inferninho da Baixa é um Rei. Apesar de todo o tempo que nos separa de D. Sebastião, o povo falhado anseia pelo seu retorno na pele de um herói, pronto para o exercício de salvação nacional. O mito sebastianista contém uma promessa redentora, bem necessária ao real falhado das personagens. Enquanto mito, D. Sebastião favorece a encenação heróica, permite a criação de figuras que o povo se encarrega de amplificar, juntamente com alguns escritores, como foi perversamente o caso de J. P. Simões. A introdução de alguns fantasmas na *Ópera do*



*falhado* torna-se importante para viabilizar a provocação final, enunciando um fim (aparentemente) feliz para as personagens.

A leitura do texto não deixa de nos representar de uma ou de outra forma. Trata-se de uma sensação estranha, justamente pelo falhanço que desde o título paira sobre as personagens. Não seremos todos um pouco falhados? Servirá a consumação do falhanço para justificar a inércia fundamental da "raça" lusitana? O leitor poderá buscar resposta parcial a estas perguntas no texto de J. P. Simões, dando por certo que a ópera não regressará aos palcos nacionais. O leitor encontrará ainda neste texto uma crítica em versão trágico-cômica, revelando o falhanço como parte da matriz identitária do povo sereno e dócil da Lusitânia. Seremos um povo de falhados! A ópera apenas nos concede uma oportunidade para ensaiarmos um salto irónico para o exterior de tal amargura:

"Quem somos? Como sonhos entre sonhos, entre fábulas astrais e a canção dos animais mal escondidos, imorais. Hoje é dia de poesia, sobe o pano, luzes brilham, acabou-se a dor."

(Canção dos animais, p. 97)